

O PROBLEMA DO DISTANCIAMENTO SOCIAL E PSICOLÓGICO: REFLEXÕES A RESPEITO DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO/DESTRUTURAÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO E O APRIMORAMENTO DAS TÉCNICAS DE PESQUISA

OLIVEIRA, Eliana de Fátima, SCAVONE, Lucila; SILVA, Andréa Túbero; AMARAL, Fernanda Pattaro, OLIVEIRA, Juliana Cristina de, COSTA, Simone Ferreira da. 3.14 Sociologia, Ciências Sociais, Departamento de Sociologia, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara*.

Este artigo tem como propósito fazer uma reflexão a respeito do trabalho de campo realizado como parte da pesquisa *Tecnologias Reprodutivas: maternidade e paternidade em transição*, desenvolvido pela Prof.a Dr.a Lucila Scavone, e financiado pelo CNPq, cuja preocupação central é investigar os impactos provocados pelas novas tecnologias conceptivas e contraceptivas nos padrões dominantes de maternidade e paternidade que estruturam e organizam a família.

Empregando a perspectiva de gênero, partimos do pressuposto de que as diferenças biológicas não provocam as desigualdades sociais, mas sim que, estas desigualdades são construídas nas relações de poder entre os sexos. A experiência reprodutiva sofre impactos consideráveis com o advento das novas tecnologias contraceptivas e conceptivas, os quais devem ser analisados sobre o prisma da ingerência da Tecnologia na vida humana.

Do controle da maternidade e da paternidade – pela contracepção, principalmente pela esterilização - a sua afirmação – pelas novas tecnologias conceptivas (NTCs) – pressupomos que estamos diante de um processo lento de transição nos modelos de organização e estrutura familiar que, regulado pelas tecnologias médicas, pelas políticas de controle de natalidade, pelos aspectos objetivos e subjetivos das estruturas dominantes, tende a manter o padrão dominante de maternidade e paternidade. À pesquisa de campo cabe a investigação que parta desse pressuposto e considere, além da história reprodutiva desses homens e mulheres que se submeteram ou se submeterão às novas tecnologias, a estrutura familiar e suas concepções e experiências relativas à maternidade. A análise dos dados nos permitirá responder quais as mudanças e permanências puderam ser observadas, considerando o referido padrão dominante de maternidade e paternidade.

Para responder a pergunta de fundo do projeto sobre o significado da esterilização masculina e feminina e o desejo de paternidade e maternidade optamos por uma abordagem qualitativa, que nos permitiu apreender com maior profundidade a relação entre as estruturas objetivas e subjetivas do fenômeno em questão, tornando visíveis as experiências relacionadas ao uso das novas tecnologias e as práticas de maternidade e paternidade. O trabalho de campo consistiu na realização de entrevistas semi-dirigidas, gravadas e com roteiro pré-estabelecido, além de um registro etnográfico de cada uma das entrevistas realizadas. Foi elaborado também um termo de consentimento livre e esclarecido garantindo o sigilo do nome dos entrevistados e a divulgação das informações obtidas em publicações de caráter científico.

Os(as) entrevistados(as) foram selecionados a partir de sorteio de 15 mulheres e 15 homens que se esterilizaram entre os anos de 2000-2004, no serviço público de saúde de Ribeirão Preto, número estipulado *a priori*, sem representatividade estatística, do total das esterilizações. Em Araraquara, foram entrevistados 20 homens e 10 mulheres entre aqueles que se submeteram à vasectomia e à laqueadura pelo SUS, após a implantação do Programa de Planejamento Familiar.

A pesquisa de campo em Ribeirão Preto foi realizada com uma equipe de quatro pessoas que se dedicavam a diferentes atividades durante a entrevista: uma pesquisadora formulava as questões a partir de um roteiro pré-estabelecido, outra se mantinha atenta às respostas dos entrevistados tendo em vista os objetivos da pesquisa, interrompendo o diálogo caso algo fosse esquecido ou alguma resposta a instigasse. As outras duas pesquisadoras se encarregaram da etnografia, que procura descrever e narrar o contexto e o processo de entrevista. Realizamos até cinco entrevistas por dia.

* CNPq/PIBIC e CNPq/BALCÃO

Terminada a coleta de dados em Ribeirão, o grupo de pesquisa se reuniu para uma avaliação do trabalho realizado. Constatamos que a realização de mais de uma entrevista por dia não permitia uma reflexão aprofundada sobre forma como foi conduzida a entrevista e a postura em relação ao entrevistado(a). Analisando as entrevistas realizadas pudemos perceber várias interferências inadequadas como: o estabelecimento de uma relação de cumplicidade, que interferiria nas respostas, principalmente das mulheres; direcionamento das respostas quando o(a) entrevistado(a) hesitava diante de uma pergunta ou tinha dificuldade de expressar o que pensava. Ao invés de reformular a pergunta, dando tempo ao(a) entrevistado(a) para refletir um pouco mais, a entrevistadora fazia uma síntese do que entendia que o(a) entrevistado(a) queria dizer. Além disso, a presença de quatro entrevistadoras no momento da pesquisa, fazia da entrevista, em alguns momentos, um debate em grupo.

Esta análise nos permitiu identificar que as posturas adotadas em campo funcionavam como uma estratégia em busca de proximidade com o(a) entrevistado(a), uma vez que falávamos especialmente sobre sua vida reprodutiva e suas relações familiares e afetivas. Entretanto, tais posturas redundaram em uma distância – psicológica e social – entre entrevistado(a) e pesquisador(a), que dificultaram a apreensão das vivências e das experiências relativas ao uso das novas tecnologias e as práticas de maternidade e paternidade.

Procurando responder aos desafios colocados realizamos alguns ajustes no que concerne ao método e as técnicas de pesquisa para a coleta de dados em Araraquara. O primeiro passo foi uma análise minuciosa do roteiro de entrevista utilizado, revendo questões ambíguas, termos inadequados e conceitos que deveriam ser substituídos porque dificultavam a compreensão das perguntas.

Consideramos que para possibilitarmos a realização de uma entrevista de maior qualidade seria prudente reduzirmos a equipe para apenas uma entrevistadora. Deste modo, as entrevistas passaram a ser realizadas individualmente, o que permitiu a redução da distância, e a possibilidade de um vínculo maior entre entrevistado(a) e entrevistadora, para poder entrar em áreas da vida antes impenetráveis, que nos revelarão padrões, hierarquias e modelos.

Além disto, decidimos que a etnografia deveria ser feita após as entrevistas. Discutimos também que ela não deveria se restringir apenas ao momento da entrevista, mas considerar o percurso em direção a casa dos entrevistados até seu retorno, após a realização da entrevista, como *situação etnográfica*. Nesse sentido, não deveriam ser desconsiderados no registro etnográfico nossas impressões e outros dois elementos que recorrentemente se insinuam no trabalho de campo: o sentimento e a emoção (Da Mata, 1978, p.30).

Buscamos suplantar a relação hierárquica estabelecida entre entrevistadora e entrevistado(a), compartilhando sinais verbais e não verbais, favorecendo o entendimento mútuo da situação de entrevista, e demonstrando flexibilidade diante dos efeitos de questões como: você já realizou um aborto?. Vale lembrar que o aborto, no Brasil, é considerado crime.

As entrevistas realizadas posteriormente a essa reorientação do trabalho de campo, que privilegia uma outra concepção de situação etnográfica, e possibilita a proximidade entre entrevistadora e entrevistado(a) aumentou a confiança das pesquisadoras na condução das entrevistas e facilitou a comunicação entre elas e os entrevistados. Com isto, houve um maior entendimento das perguntas e nos possibilitou respostas mais pessoais e ao mesmo tempo objetivas, garantindo-nos melhores resultados para a pesquisa.

BIBLIOGRAFIA:

BOURDIEU, P. Compreender. In: **A miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

CARDOSO, Ruth (org). **A aventura antropológica. Teoria e Pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

DA MATA, R. O Ofício do etnólogo ou como Ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira (org). **A aventura sociológica. Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GRIAULE, Marcel. **El metodo de la etnografia**. Buenos Aires, Argentina: Editorial Nova, 1957.

- MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- PINTO, Elisabete Aparecida. **Ventres Livres. O aborto numa perspectiva étnica e de gênero**. São Paulo: Terceira Margem, 2002.
- QUEIROZ, M.I.P. de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: CERU e FFLCH/USP, 1983.
- _____. Relatos orais do “indivisível” ao “divisível”. **Ciência e Cultura**, v. 39, n3, p.271-86, 1991.
- THIOLLENT, J.M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1982.
- VELHO, G. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (org). **A aventura sociológica. Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- SCAVONE, L. BATISTA, L. E. **Entre o público e o privado**. Revista Temas, São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001.
- SCAVONE, Lucila. **Dar a vida e cuidar da vida**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- SCAVONE, Lucila. Tecnologias Reprodutivas: maternidade e paternidade em transição. (Projeto de pesquisa), UNESP/CNPq.